

**PROJETO SESC HERANÇA NATIVA: TRANSDISCIPLINARIDADES NAS PRÁTICAS E SÁBERES DOS POVOS INDÍGENAS NO CEARÁ.**

---

**PAULO HENRIQUE LEITÃO DOS SANTOS, SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO SESC, email - pauloleitao@sesc-ce.com.br**

**Eixo: Histórias de vida como estratégias formativas para o desenvolvimento humano. (relato de experiência)**

---

---

**RESUMO:** Socializar conjunto de ações desenvolvidas pelo SESC, apresentando resultados e experiências do Projeto Sesc Herança Nativa por meio do registro e fomento das práticas e saberes comunitários dos quatorze povos indígenas cearenses organizados em 18 municípios do estado na perspectiva do fortalecimento e salvaguarda das suas culturas e formas específicas de organização.

Um dos objetivos fundamentais do projeto é proporcionar visibilidade e valorização às identidades e memórias das comunidades nativas na perspectiva do incentivo a manutenção de práticas e saberes comunitários que possibilitam o aprimoramento das formas de convívio e das afetividades na perspectiva do fortalecimento dos seus vínculos comunitários e familiares, do desenvolvimento das sociabilidades e das práticas culturais colaborativas por meio de processos transdisciplinares.

**PALAVRAS CHAVES:** Transdisciplinaridade, Povos Indígenas, Memória e Identidades.

O Projeto SESC Herança Nativa faz parte de um conjunto de ações desenvolvidas pelo Serviço Social do Comércio que visam difundir as práticas e saberes comunitários dos quatorze povos indígenas cearenses organizados em 18 municípios do estado na perspectiva do fortalecimento e salvaguarda das suas culturas e formas específicas de organização.

Atualmente, os índios cearenses estão distribuídos em dezenas de comunidades. Vivem no cume das serras, dentro dos mangues, nas praias isoladas, no semi-árido cearense e nas divisas entre Ceará e Piauí. Estima-se aproximadamente a população em 22 mil indígenas reconhecidos pela FUNAI no Ceará e segundo informações do movimento indígena, o número dos que não se auto-reconhecem ou não se auto-denominam também é bastante expressivo, apesar da dispersão dos registros e da escassa sistematização de informações precisas nos órgãos oficiais acerca dos povos indígenas no Ceará nos dias atuais.

Um dos objetivos fundamentais do projeto é proporcionar visibilidade e valorização às identidades e memórias das comunidades nativas na perspectiva do incentivo a manutenção de práticas e saberes comunitários que possibilitam o aprimoramento das formas de convívio e das afetividades na perspectiva do fortalecimento dos seus vínculos comunitários e familiares, do desenvolvimento das sociabilidades e das práticas culturais colaborativas.

Disponibilizar ao público cearense informações sobre os povos indígenas nos dias atuais é desconstruir estereótipos, uma vez que, ao longo do tempo se solidificou a visão estilizada que para ser índio seria necessário corresponder a um conjunto de imagens que remetem a representação do índio ao primeiro século da colonização européia na América do sul.

Sendo necessário interpretarmos que o ser índio hoje no Ceará é resultado de uma variação de encontros e fruto de contextos culturais específicos provenientes de contatos interétnicos e projetos de miscigenação promovidos, na maioria das vezes, a contra-gosto dos indígenas com as sociedades envolvidas. Nesse sentido é necessário perceber os coletivos indígenas como grupos que sofreram genocídio e sofrem ainda nos dias atuais grande etnocídio, ou seja, extermínio cultural. Atualmente buscam, a partir dos fragmentos de suas culturas originárias, recompor suas identidades

reconstituindo suas memórias, reivindicando seus territórios de nascença e reagrupando suas famílias dispersadas.

Apesar do Estado, em diferentes períodos, oficialmente ter apostado na extinção dos povos indígenas, a vitalidade de suas culturas persiste mesmo com a profunda transformação dos seus modos de vida tradicionais. São comunidades que interagem regularmente, possuem relações de parentesco e preservam um conjunto de crenças, costumes, hábitos alimentares, rituais, cerimônias e festejos plurais e segmentados. São relações que se estabelecem no espaço-tempo dessas comunidades que agrupam identidades endógenas que crescem para fora, que se originam no interior, vem de dentro para fora de sistemas culturais adormecidos.

Distintos entre si, os índios cearenses possuem características específicas e singulares, dada complexidade de suas culturas, que, correspondentes as suas identidades, estão em processo, em constante edificação. São identidades locais, algumas com traços comuns, contudo utilizam uma alteridade de formas de representação, referências e identificações através de atributos que transitam entre aspectos biológicos, culturais ou sociais. São manifestações dinâmicas, de caráter individual e coletivo que expressam identidades que são a todo momento atualizadas através do compartilhamento de memórias intersubjetivas que apresentam diversas versões e variações nos indivíduos e nos grupos. Essas formas de lembrar a partir de diferentes perspectivas de recordação, formam novos arranjos identitários onde as memórias são evocadas conforme os elementos, necessidades e reminiscências que cada grupo comunitário abrange.

Apenas recentemente, início dos anos 80, os indígenas no Ceará puderam afirmar suas identidades culturais e reivindicar seus direitos novamente, publicando seus contextos e denunciando suas situações de opressão junto a imprensa local. Concomitantemente inicia-se um movimento dentro das aldeias de busca das origens, onde os mais velhos tiveram e tem um papel fundamental para compreensão dos motivos que levaram a invisibilidade indígena no Ceará.

Um dos motivos é a substituição do uso da categoria índio pela categoria caboclo. Nossa gente cabocla, nosso Ceará Caboclo são exemplos de expressões que se tornaram rotineiras, contudo fica a pergunta: Quem são os caboclos? Quais suas origens?

O termo caboclo expressa ambigüidade pois apresenta uma enorme abrangência de tipos. Sendo associado a alcunha do mestiço, do pobre valoroso, do mais fraco, do trabalhador fiel. Na verdade foi uma forma de encapsulamento das identidades dos povos indígenas originários ou de matriz africana. O caboclo, destituído de sua herança

étnica, sempre foi retratado de forma heróica e épica: o audaz jangadeiro, o valente vaqueiro, o caboclo do sertão, a fé do povo caboclo, a comida cabocla, sempre submetidos ao conceito de não ser mais índio.

O índio romantizado, colocado numa posição de inferioridade e despatriado das suas identidades, chamado de caboclo, seria uma transição para um processo de amnésia cultural onde os indígenas cearenses foram obrigados a abdicar de suas línguas, práticas culturais e evidentemente de seus territórios de origem.

Buscando um elo perdido, desde 2013, o SESC Ceará tem visitado as comunidades visando conhecer o cotidiano e as formas de organização dos quatorze povos auto-identificados. Nossa expedição visitou comunidades organizadas sob diferentes formatos, onde a educação escolar é complemento, extensão da educação comunitária, que se estabelece através do convívio, de formas de comunicação intrincadas e sutis, da combinação de muitas configurações de modos de vida.

Portanto vimos como imprescindível incluir no contexto das artes contemporâneas as manifestações culturais e artísticas dos povos indígenas percebendo a relação comunitária que essas manifestações de grande beleza e de profundo significado das essências humanas, representam na riqueza do patrimônio cultural material e imaterial da humanidade. Sendo a pluralidade de suas manifestações culturais vistas como fator positivo e potencializador de novas sociabilidades.

As manifestações estéticas estão relacionadas aos direitos humanos e a diversidade étnica. E nossa pesquisa baseada na vivência dá ênfase a uma iconografia desenvolvida na atualidade. A iniciativa do trabalho foi propor a organização de conteúdos para publicação que possibilitem a valorização das comunidades indígenas nos dias atuais, rompendo com a visão estilizada do índio em seu estágio primeiro no processo de colonização. Essa proposta surgiu dentro do Encontro SESC Povos do Mar, onde formamos um grupo de trabalho que através de planejamentos e da organização de visitas, empreendeu a concepção acerca de uma publicação reunindo as imagens, as falas e informações acerca dos indígenas a partir da década de 80.

Nossa intenção é a partir dos sujeitos e coletivos indígenas que vivenciamos estabelecer novos paradigmas acerca das comunidades indígenas no presente, buscando os sentidos que as comunidades atribuem as suas identidades emergentes. Como encarnam práticas culturais ocultas, sobre que aspectos manifestam identidades antes camufladas e a partir de que necessidades se revelam como índios novamente.

Nessa perspectiva desenvolvemos uma metodologia de registro e de desenvolvimento de programações sociais que associam as diversas culturas sem tirar a complexidade que cada uma possui, desenvolvendo um abordagem transdisciplinar com caráter multidimensional, refletindo acerca de processos de homogeneização das culturas nativas e de alinhamento das mesmas com formas padronizadas de afirmação das culturas dominantes que desconstituem identidades locais, criando práticas de separação e disjunção.

Priorizamos articular campos de conhecimento diferentes e complementares, compreendendo que essas conexões que nos permitem uma visão mais extensa em nada significa completude, pois sabemos que existem fluxos, processos, dinâmicas e surpresas que reconduzem o planejamento de ações e pesquisas para campos onde os saberes e as práticas dos diversos povos indígenas cearenses que possuem afinidades ou que são opostos, dialogam permitindo a construção de formas de organização que se resignificam e reelaboram suas identidades atualizando constantemente suas interpretações acerca de si mesmos.

Constatamos, dentro da perspectiva da transdisciplinaridade que os índios que vivem no Ceará desenvolvem diversos tipos de artesanato, havendo extensas variedades de materiais orgânicos, técnicas de criação e tipos estéticos empregados artisticamente em objetos utilitários, decorativos ou artefatos ritualísticos. Os ornamentos compõem um quadro singular na cultura dos Povos indígenas cearenses, permanecendo uma infinidade colares, pulseiras, cordões, dentre outros objetos decorados compostos com sementes nativas de diferentes cores e tonalidades.

Os processos de criação perpassam tradições estabelecendo novos elos e fortalecendo antigos vínculos. Através do intercâmbio de materiais orgânicos e de práticas de criação, os indígenas efetivam parcerias, percorrendo um pujante calendário de festividades e encontros, onde estabelecem trocas e encomendas concretizado uma economia compartilhada e criativa, onde a sustentabilidade permite a preservação das matas e de espécies vegetais nativas ameaçadas de extinção estabelecendo formas sustentáveis de relação com a natureza. Percebemos também que as formas de embelezamento e ornamentação constituem uma afirmação das identidades indígenas e uma rememoração de formas de manifestação e expressão estética e étnica que foram suprimidas no passado recente entrando em desuso, sofrendo assujeitamento e achincalhamento das formas de ser dos grupos dominantes.

Para o desenvolvimento de suas formas de expressão e comunicação os indígenas necessitam de grande território pois seus produtos correspondem a manejos agrícolas e florestais que respeitam calendários de plantio.

No Ceará coexistem diversas formas de trançados a partir de fibras vegetais, palhas, madeiras, cipós, sementes, sendo as mais freqüentes a da carnaúba, do Tucum e do caroá. Tramas abertas ou fechadas. Tramas em chapéus, abanos, cestos variados, peneiras e diversos utensílios que servem para a agricultura e para o ofício da pesca.

São necessidades de expressão e perpetuação das sociedades através de suas estéticas. A cestaria indígena no Ceará, possui vários usos e formas, sendo uma das mais diversificadas entre as categorias artesanais, apresentando inúmeras técnicas de feitura através das múltiplas matérias primas empregadas, possuem técnicas de coloração e tingimentos variáveis e os desenhos empregados possuem diversas ordenações, múltiplas referências e funções que são, muitas vezes, interligadas.

Nessa mesma diversidade os indígenas cearenses desenvolvem diversos desenhos geométricos com vários motivos e estilos artísticos. Suas pinturas apresentam grafismos que ornamentam os corpos, diversos objetos utilitários e artefatos ritualísticos. Vemos que os desenhos que estão nas casas, nas árvores, objetos e pessoas possuem forte relação. É comum vermos potes, panelas, cestos, troncos de árvores pintados com os mesmos padrões geométricos que pintam as pessoas. No Ceará a pintura geralmente é feita a base do jenipapo, do fruto verde espreme-se um sumo que conforme vai sendo manipulado assume a cor de almofada de carimbo, preta azulada. Algumas etnias misturam com água e/ou carvão vegetal para diluir ou apurar a mistura, que quando produzida para ficar forte demora em torno de quinze dias para apagar na pele. Também o Urucum é muito utilizado nas práticas de pintura corporal sendo o invólucro das sementes que tem o tom avermelhado a parte vegetal utilizada para produzir a pintura corporal. Não existindo classificações ou diferenciações que caracterizem posição social, política ou que determine ciclos etários entre as pinturas que vivenciamos atualmente. É fato que diversos povos exprimem comportamentos ou posições familiares através das pinturas corporais contudo hoje no Ceará essa prática não tem caracterizado diferenciações, isso não quer dizer que não venham assumir esses significados, pois sabemos que existiam muitas formas de identificações a partir das pinturas corporais e dos grafismos.

As pinturas corporais são constantemente usadas nos rituais do Toré e do Torém e também praticadas nos momentos de luta e de representação política sendo uma das formas de afirmação das identidades indígenas mais freqüentes.

O Toré é uma dança circular realizada por homens e mulheres, velhos e crianças e praticada pela maioria dos indígenas cearenses onde diversos cânticos são entoados. Geralmente estão associados a momentos que representam encontros, reuniões, rituais . Os instrumentos que acompanham a dança e o canto são geralmente maracás e pequenos atabaques. Os versos são cantados quase sempre em português com a presença de palavras ou pequenas expressões oriundas das línguas nativas. Geralmente existe um líder, que pode ser o Pajé ou o Cacique ou simplesmente uma pessoa de referência na comunidade que puxa a toada que é repetida pelo grupo que dança de forma circular. A função de puxar as toadas podem ser compartilhadas por outros membros que se revezam para manter o vigor do canto e da dança. Por vezes, dançam sem dar as mãos. Outra característica da dança são os pés, que, um após o outro, de forma sempre intercalada, arrastam no chão. Os trajes usados podem ser roupas comuns ou vestimentas tradicionais feitas principalmente a partir das fibras do buriti, tucum ou de carnaúba ornadas com penas de aves domésticas como galinha e capote e usam ainda sementes nativas variadas.

Já o Torém remete a um ritual específico do Povo Tremembé fazendo parte de um complexo sistema de crenças e rituais. A espiritualidade Tremembé é composta de um conjunto de signos e códigos secretos. Destreza e plasticidade. Toda espiritualidade Tremembé é relacionada a uma cosmologia própria onde preceitos e fundamentos tradicionais abrem caminho para comunicação com os ancestrais e com seres encantados que representam forças da natureza. Geralmente bebem em seus rituais e festividades o Mocaroró, bebida fermentada a base do caju que é fundamental em alguns rituais e na maioria das vezes é colocada no centro da roda. Em tempos antigos as mulheres dançavam com lenços amarrados na cabeça com as mãos dadas, hoje já coexistem diversas formas de expressão corporal. Muitas musicas de origem Tremembé e Tapeba fundamentam os Torés em todas as aldeias cearenses, sendo o termo Torém exclusivo para designar a dança ritual Tremembé, sendo a maracá Tremembé chamada de Aguaim. Nos dias de hoje, ainda são executadas danças imitando animais e seres híbridos como: o Guaxinim/Guaxuré, a Aranha, o Caçador, dentre outros.

Para desenvolvimento de todo esse processo de pesquisa e detalhamento da cultura indígena cearense o projeto mapeou as práticas e saberes culturais dos quatorze povos

indígenas cearenses reconhecidos pela FUNAI em 18 municípios, conforme quadro abaixo:

<b>Povo Indígena</b>	<b>Município</b>
<b>Tapeba</b>	<b>Caucaia</b>
<b>Tremembé</b>	<b>Itarema, Acaraú e Itapipoca</b>
<b>Jenipapo Kanindé</b>	<b>Aquiraz</b>
<b>Pituary</b>	<b>Pacatuba, Maracanaú e Maranguape</b>
<b>Anacé</b>	<b>São Gonçalo do Amarante e Caucaia</b>
<b>Potyguara</b>	<b>Novo Oriente, Crateús e Monsenhor Tabosa</b>
<b>Tabajara</b>	<b>Quiterianópolis, Crateús, Poranga e Monsenhor Tabosa</b>
<b>Kalabaça</b>	<b>Crateús e Poranga</b>
<b>Gavião</b>	<b>Boa Viagem</b>
<b>Tubiba Tapuia</b>	<b>Monsenhor Tabosa</b>
<b>Tapuia Kariri</b>	<b>São Benedito</b>
<b>Kanindé</b>	<b>Aratuba e Canindé</b>
<b>Tupinambá</b>	<b>Crateús</b>
<b>Kariri*</b>	<b>Crateús</b>

\* Falta apenas o núcleo Kariri do Crato, pois o mesmo se encontra em processo de reconhecimento.

Todo esse processo desenvolveu um encontro que contou com a participação de 292 indígenas hospedados na Colônia Ecológica Sesc Iparana e 150 indígenas não hospedados resultando em 412 representantes de dezenas de famílias e comunidades. O Encontro abordou temas ligados a violação de direitos, educação diferenciada indígena, identidades culturais, medicina tradicional, ancestralidade e direito à terra.

Indígenas e não indígenas, Educadores, pesquisadores, ativistas sociais, documentaristas e estudantes estiveram presentes participando das discussões por meio das oficinas, da socialização de práticas alimentares, círculos de cultura e apresentações artísticas tradicionais e contemporâneas organizadas pelas diversas etnias e pelas escolas de educação diferenciada indígena. Conforme quadro abaixo:



<b>Atividades da Programação</b>	<b>Quantidades</b>
<b>Apresentações artísticas indígenas</b>	<b>23 apresentações</b>
<b>Círculos de Cultura</b>	<b>6 temáticas divididas em 42 palestras</b>
<b>Socialização das Práticas de Alimentação</b>	<b>8 socializações de práticas alimentares indígenas</b>
<b>Oficinas de Economia Criativa e pinturas corporais indígenas</b>	<b>32 oficinas</b>
<b>Filmes</b>	<b>2</b>
<b>Publicação de Livro</b>	<b>1</b>

O Encontro proporcionou valorização e visibilidade as identidades indígenas efetivando novos reconhecimentos acerca das reconstruções identitárias e da emergência étnica dos indígenas cearenses. Temas ainda pouco conhecidos na atualidade e que orientam as discussões sobre as comunidades indígenas no nordeste resultando desse processo um conjunto de imagens e informações que propiciam novas percepções acerca do território cearense. Do encontro resultaram dois filmes (Longa e curta) e um Livro acerca dos quatorze povos. Essas publicações ressaltam formas de compartilhamento das memórias individuais e coletivas, organizando informações diversas que são selecionadas com a participação ativa dos povos em todos os processos de organização, seleção das memórias, práticas registradas e difundidas nos encontros e programações educativas que desenvolvemos.

O Sesc compreende que estamos dando os primeiros passos, tateando as características de comunidades em plena reconstrução territorial e étnica, portanto estamos acompanhando processos únicos que traduzem a força cultural de povos que apesar de grande desventura conseguiram de forma coletiva e comunitária, por meio de resiliências próprias manterem-se unidos para em tempos propícios revelar que estão vivos e que até hoje lutam por direitos nunca esquecidos.

**BIBLIOGRAFIA**

- CASCUDO, Luis da Câmara. Civilização e Cultura. Belo Horizonte: Itálica, 1983.
- \_\_\_\_\_. Geografia dos Mitos Brasileiros. 2º Ed. São Paulo: Ed. Global 2002
- \_\_\_\_\_. História de nossos gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil. São Paulo: Ed. Global, 2003
- \_\_\_\_\_. Literatura Oral no Brasil. 2º Ed. São Paulo: Ed. Global 2006
- ERIKSEN, Thomas Hylland e NIELSEN, Finn Sivert. História da Antropologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. Memória do SPI. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2011
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Record. 1996
- HERREIRO, Marina. Jogos e brincadeiras do Povo Kalapalo. São Paulo: SESC-SP, 2006
- MACEDO, Joaryvar. Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense. Fortaleza: UFC, 1990
- MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.
- MENEZES, Ana Luisa Teixeira de e FONTELES FILHO, José Mendes. Sentir-Pensar-Fazer: Artesanatos Indígenas No Ceará. Fortaleza: Ipece, 2011
- MORIN, Edgar, Introdução ao pensamento complexo Porto Alegre, Editora Salina, 2006.
- STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. Porto Alegre RS: L&PM, 2010
- TUGNY, Rosângela Pereira de; QUERIOZ, Ruben Caixeta de. Músicas Africanas e Indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2006
- VIDAL, Lux. Grafismo Indígena. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1992
- Culturas Prêmio Indígenas. São Paulo: SESC, 2007..
- Mensageiro Ameríndia Ontem e Hoje.

SILVA, Shirlei Rose Nascimento, Conhecimento a verdadeira História.